

# Plantio Direto de Hortalças

Nuno Rodrigo Madeira<sup>1</sup>

Atualmente, tornou-se indispensável buscar alternativas para produção de hortalças com sustentabilidade ambiental e viabilidade econômica. O Plantio Direto pode ser uma importante ferramenta para a produção sustentável também na olericultura. Porém, a contribuição da pesquisa científica para este avanço é quase nula. A olericultura apresenta uma dinâmica baseada na utilização excessiva e crescente de insumos, e intensa mecanização. Relatos como: “a terra não produz como dantes”, “a água está acabando”, “a cada ano tem que se adubar mais”, ou, “as plantas de hoje são mais sensíveis”; na verdade, indicam um ciclo de empobrecimento do solo e esgotamento dos recursos naturais em função de seu manejo inadequado.

O fato de que olerícolas não proporcionam resíduo de palha em quantidade adequada, e com baixa relação C:N de rápida decomposição, pode ser contornado pelo manejo de plantas daninhas, permitindo-se desenvolvimento após o período crítico de competição. Também é viável, a sobressemeadura, isto é, o plantio de plantas de cobertura antes que se complete o ciclo da hortalça, com semeio a lanço de sorgo, milheto, *Brachiaria ruziziensis* ou outras espécies. Como regra geral, recomenda-se a sucessão hortalça-planta de cobertura-hortalça-planta de cobertura, usando-se espécies diferentes. As plantas de cobertura de solo (aveia preta, crotalárias, feijão de porco, mucunas, vegetação espontânea, entre outras) reciclam nutrientes, em função do seu profundo sistema radicular.

As primeiras experiências no Brasil com hortalças em plantio direto foram em Santa Catarina, na década de 80, com cultivo mínimo da cebola. A formação de palha, sua dessecação e acamamento, seguido da abertura de sulcos para o transplantio de mudas eram base do sistema. Além de controle

de erosão e aumentar a atividade biológica do solo, tem se mostrado eficiente na redução da infestação de plantas daninhas, conservação da umidade e atenuação picos de temperatura do solo, que favorece o crescimento vegetal e a bulbificação. Em 2002, cebolicultores de São José do Rio Pardo-SP também começaram a adotar o plantio de cebola na palha



Plantio Direto em tomate

de milho, utilizando o rotocultivador para efetuar os sulcos.

Em meados dos anos 90, o filiado da APDC, Maurício Sakai em Guaíra-SP já tinha testado o plantio direto de tomate industrial. Atualmente, esta prática é empregada em Goiás e Minas Gerais em áreas irrigadas e de sequeiro, com transplantadeira para abrir os sulcos. Segundo Andreas Peeters e Sílvia Ferreira, de Rio Verde-GO, em cultivos de sequeiro em safrinha, o altíssimo teor de *Brix* compensou a produtividade restrita. Em tomate industrial, a redução das perdas por podridões de frutos, pelo seu desenvolvimento sobre a palha e evitando contato direto com o solo, e a bonificação recebida pela alta qualidade da matéria-prima, têm incentivado o uso dessa técnica. Este efeito de produzir frutos mais limpos se estende a outras culturas, como melancia, melão e abóboras.

Outras iniciativas nesta área são o cultivo mínimo de tomate e pimentão em casas de vegetação sobre palha de aveia-preta ou milho em Itupeva-SP; o cultivo mínimo de couve-flor sob

manejo orgânico em Teresópolis-RJ; o cultivo de alface sobre palha de aveia-preta cultivada em canteiros em Piedade-SP; o plantio de abóboras sobre pastagem dessecada em Brasília-DF; o cultivo mínimo de brócolos e repolho em Lavras-MG; o projeto denominado Sistema de Plantio Direto de Hortalças (SPDH), com o objetivo de disponibilizar alternativas ao monocultivo do tomate, em Caçador-SC. Todas têm apresentado resultados positivos devendo receber ajustes conforme a realidade local. Em alface, couve-flor e brócolos de cabeça única produzida no verão, observou-se redução da incidência de doenças, seja pela melhor drenagem e pela eliminação dos respingos das gotas impactantes da chuva, seja pela regulação térmica que a palha promove, levando à obtenção de produto comercial de melhor qualidade.

Segundo Vinícius Vitoi, pesquisador da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio de Janeiro, agricultores que avaliaram o cultivo mínimo de couve-flor alegam que a “terra fica mais gorda”, “mais fácil de trabalhar”, “o terreno resseca menos” e “a planta agüenta o calor”, relatos simples carregados de saber.

A competitividade da olericultura sob plantio direto depende da geração de conhecimentos apropriados que assegurem sua sustentação. A Embrapa-Hortalças, em resposta à crescente demanda por pesquisa nessa área, está iniciando um projeto piloto de plantio direto de hortalças desde 2002, tendo por objetivo estabelecer, cientificamente, a promoção deste sistema como instrumento de desenvolvimento rural sustentável. O plantio direto de hortalças pode ser adotado tanto por produtores altamente tecnificados como por microprodutores. O fato é que, o plantio direto é uma ferramenta para o desafio de conservar os recursos solo, água, energia e uma forma de promover a biodiversidade de agroecossistemas.

<sup>1</sup> Pesquisador da Embrapa Hortalças ([nuno@cnph.embrapa.br](mailto:nuno@cnph.embrapa.br))